



SNBU 2025

XXIII Seminário Nacional de
Bibliotecas Universitárias

17 A 20 DE NOVEMBRO
SÃO PAULO - SP

Eixo 7 – Censura e pós-verdade

**Antifeminismo, desinformação de gênero e grupos masculinistas:
reflexões da CI e biblioteconomia no enfrentamento à misoginia no
ambiente universitário.**

*Antifeminism, Gendered Disinformation, and Masculinist Groups: Reflections from
Information Science and Librarianship in Confronting Misogyny in the University
Environment*

Cibele Andrade Nogueira – Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) –
cibele.andradenogueira@gmail.com

Roger Pereira Domingues – Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) –
r.b.p.domingues@gmail.com

Markley Florentino de Carvalho – Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) –
markleyflorenti@gmail.com

Resumo: Esta pesquisa caracterizada como exploratória e bibliográfica se propôs estabelecer relações entre o tema da desinformação disseminada para grupos específicos e os agentes que promovem este tipo de conteúdo também em meios acadêmicos e científicos. Para tal, objetivou-se trazer conceituações sobre a desinformação, desinformação de gênero, antifeminismo e parasitas da informação. Procurou-se, também, explanar sobre as possibilidades de atuação da Ciência da Informação e Biblioteconomia frente à desinformação e ao complexo ecossistema informacional relativo às discussões de gênero.

Palavras-chave: Desinformação de gênero. Antifeminismo. Ciência da Informação. Biblioteconomia.

Abstract: This paper, characterized as exploratory and bibliographic, aimed to establish relationships between the topic of disinformation targeted at specific groups and the agents who benefit from promoting this type of content also within academic and scientific environments. To that end, the objective was to present conceptualizations of disinformation, gender disinformation, antifeminism and information parasites. An





effort was also made to discuss the possible roles of Library and Information Science (LIS) in relation to disinformation and the complex informational ecosystem surrounding gender debates.

Keywords: Gender disinformation. Antifeminism. Information Science. Library Science.

1 INTRODUÇÃO

A universidade, sua estrutura — incluindo especialmente as bibliotecas —, assim como os profissionais e acadêmicos que a compõem, são reconhecidos como detentores de precisão informacional, produção de pesquisas e ensino sobre diversos temas, incluindo estudos sobre gênero, sexualidade e feminismo, que também constituem objetos de investigação científica (Kenway, 2022). Sob essa perspectiva, o artigo discute que, ao confrontarem parâmetros sociais arcaicos, os porta-vozes dessa faceta da ciência passaram a ser retratados como o principal alvo dos Parasitas da Informação (PI).

Esta pesquisa propõe-se, portanto, a explorar criticamente a problemática da desinformação em geral (Fallis, 2015; Sinatra; Jacobson, 2019; Brisola, 2021) e, de forma específica, a desinformação de gênero e os ataques à produção de conhecimento científico relacionados a questões de gênero e estudos feministas (Kenway, 2022).

A pesquisa analisa a desinformação de gênero produzida por PI, que retratam a emancipação feminina como prejudicial ou ameaçadora aos homens, considerando ainda a interseccionalidade de raça, classe e orientação sexual, uma vez que o machismo impacta tanto mulheres quanto homens.

O texto discute como a Ciência da Informação e a Biblioteconomia podem enfrentar a desinformação de gênero por meio de alfabetização informacional, promoção da justiça epistêmica e valorização de saberes plurais, apresentando conceitos, desdobramentos e possibilidades de resistência, além de convocar uma mobilização em prol de uma ciência aberta e da universidade pública.

2 METODOLOGIA

A pesquisa se caracteriza como bibliográfica e exploratória, procura apresentar ao leitor as relações entre a desinformação de gênero propagada por grupos defensores da superioridade masculina e as conexões possíveis aos Parasitas da Informação (PI), em



adaptação ao conceito de Parasitas da verdade de Kenway (2022), presentes também nos espaços científico e universitário. O objetivo é instigar reflexões sobre a problemática do antifeminismo demarcado pela misoginia que se utiliza da desinformação de gênero para promoção do discurso masculinista e lançar luz sobre os cenários de atuação da Ciência da Informação e Biblioteconomia.

3 DESINFORMAÇÃO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE CIÊNCIA E ESTUDO DE GÊNERO

Na perspectiva de Fallis (2015), a desinformação é percebida como informação pelos sujeitos que encontram nela sentido, pois contém elementos que constituem a sua visão de mundo. Já para Sinatra e Jacobson (2019), a desinformação apresenta conceitos que oferecem respostas simplificadas a questões complexas relacionadas aos indivíduos.

A desinformação se desenvolve em um ecossistema formado por disseminadores e receptores, não ocorrendo de forma espontânea. Seus propagadores têm objetivos claros, como grupos de “influenciadores” que lucram com serviços de assinatura e venda de conteúdos digitais que manipulam ou distorcem informações. Esses grupos atuam na política, na mídia, na publicidade e no marketing, sendo caracterizados por Kenway (2022) como parte dos “parasitas da verdade”.

No presente estudo, “informação” é utilizado como sinônimo de “verdade”, e o conceito proposto por Kenway (2022) — parasitas da verdade — é adaptado para Parasitas da Informação (PI), sem prejuízo ao sentido originalmente estabelecido pela autora.

Vinculam-se aos PI os consumidores desse conteúdo, os quais tendem a se identificar com os tópicos aqui tratados, especialmente no que se refere ao masculinismo e a temas afins. Para ilustrar, indivíduos tendem a aceitar informações que confirmam suas crenças, sobretudo quando provenientes de pessoas ideologicamente alinhadas e percebidas como semelhantes (Brisola, 2021). Essa convicção não se fundamenta necessariamente na racionalidade ou em sólida base científica; a confiança no grupo prevalece sobre eventuais dúvidas internas e leva à rejeição de informações externas. Brisola (2021) ainda destaca que as crenças se



fundamentam em conhecimentos compartilhados por outros, já que, por não poderem saber tudo, os indivíduos dependem da confiança mútua para aprender.

Silva (2022) destaca que compreender tanto as vulnerabilidades dos consumidores de desinformação quanto as estratégias de enfrentamento do fenômeno é essencial, sem deixar de considerar os responsáveis pela propagação do conteúdo. O autor ressalta que o estudo do comportamento informacional ainda carece de uma base conceitual robusta para compreender os desafios sociais relacionados à informação.

Nesse contexto, o ecossistema da desinformação, alimentado pelo seu parasitismo, explora informações sobre questões de gênero — com destaque para o feminismo — e se beneficia da adesão de consumidores de conteúdo masculinista. Esse bioma se desenvolve e se fortalece em meio ao conservadorismo promovido pela extrema-direita, frequentemente copiando modelos norte-americanos. Dessa forma, deturpa movimentos progressistas e pautas de gênero e raça, minando os significados e lutas a eles associados, especialmente em debates feministas nas universidades, utilizando conspirações e desinformações sobre o feminismo sob a justificativa de defesa da liberdade de expressão (Kenway, 2022).

Por exemplo, autoridades epistêmicas, sobretudo no contexto norte-americano, manipulam informações acadêmicas e universitárias, promovendo um duplo parasitismo: atacam tanto o conteúdo científico quanto os próprios espaços universitários. Exemplo disso é Peter Boghossian, que utiliza a aparência de rigor científico para desacreditar estudos de ciências humanas, especialmente sobre gênero e raça, por meio de artigos tendenciosos e metodologicamente falhos¹.

A forma como profissionais universitários se relacionam com movimentos anti-gênero não é aleatória; trata-se, em grande parte, de uma ação articulada da extrema-direita, que concentra seu foco nos homens jovens presentes nesse ambiente (Guazina, 2023; Kenway, 2022).

¹ Recomenda-se a leitura do artigo de Lagerspetz (2020) para uma melhor compreensão das fraudes envolvendo artigos de periódicos. LAGERSPETZ, M. "The Grievance Studies Affair" Project: reconstructing and assessing the experimental design. *Science, Technology, and Human Values*, v. 45, p. 1–23, 2020. Disponível em: <https://research.abo.fi/ws/portalfiles/portal/25213489/Lagerspetz%202020%20Grievance.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2025.



Isso evidencia que a produção científica, complexa e baseada em construções teóricas de diversas áreas, pode se tornar uma ferramenta de desinformação nas mãos dos PI, tornando-se vulnerável a críticas e ataques (Silva, 2022). Esse aspecto é explorado pelos PI, que atuam no contexto universitário e conhecem os modelos científicos, reforçando a articulação da extrema-direita em atacar debates de gênero nas universidades.

Diante da ofensiva às universidades e às ciências voltadas aos estudos de gênero, torna-se importante definir desinformação de gênero, antifeminismo e analisar a atuação de grupos masculinistas.

4 DESINFORMAÇÃO DE GÊNERO, ANTIFEMINISMO E GRUPOS MASCULINISTAS

A desinformação possui múltiplos elementos e efeitos nocivos, exemplificados pelo negacionismo climático e pelos movimentos antivacina (Kenway, 2022). O ecossistema informacional é definido por regimes de informação, que estabelecem normas de acordo com quem detém o poder em uma sociedade marcada pela vigilância constante dos dados de seus usuários. Em contraste, os regimes de desinformação se caracterizam pela ausência de ética, pelos interesses obscuros das plataformas digitais e pela falta de responsabilização por conteúdos ofensivos ou criminosos (Brisola, 2021; Marques; Alves, 2024).

É importante ressaltar que notícias falsas, informações distorcidas ou desatualizadas não constituem fenômenos inéditos, independentemente de serem veiculadas de forma intencional ou não (Fallis, 2015).

A popularização das tecnologias, que transformou todos em consumidores e produtores de conteúdo, impulsionou um ecossistema de desinformação, permitindo que discursos conservadores influenciem indivíduos por intermédio de um saudosismo pautado no retorno a supostos valores tradicionais (Kenway, 2022; Marques; Alves, 2024).

Judson *et al.* (2020, p. 11), ao tratar a questão sob a perspectiva digital, definem o conceito de desinformação de gênero como:

A desinformação de gênero online existe na interseção entre a desinformação e a violência digital, como o abuso e o assédio. Seu objetivo principal é causar impacto no nível político, embora também possa causar danos sérios no



âmbito pessoal. Essencialmente, consiste na transformação de rumores e estereótipos em armas: narrativas falsas, enganosas ou odiosas são disseminadas, muitas vezes em linguagem abusiva, com o intuito de alcançar um efeito político.

Diante disso, cabe refletir que esse tipo de desinformação tem como objetivo minar a democracia, especialmente ao atacar a conquista e a manutenção dos direitos das mulheres, bem como aquelas que ocupam posições de poder no legislativo (Di Meco, 2023), com destaque para as que discutem essas temáticas nas universidades públicas brasileiras. É importante destacar que a opressão sofrida por grupos minorizados² — como mulheres, população LGBTQIA+, negras e negros, e povos indígenas — constitui a base do conhecimento nos cursos de humanidades das universidades ocidentalizadas atuais. Conforme aponta Grosfoguel (2016), esses grupos sofreram tanto genocídios quanto epistemicídios durante os processos de colonização.

O antifeminismo disseminado por grupos masculinistas, que no Brasil compõem a chamada "machosfera" (Santini *et al.*, 2024) e nos Estados Unidos a "manosphere" (Kenway, 2022), busca reforçar a ideia de inferioridade feminina, atacar direitos já conquistados pelas mulheres, dificultar seu acesso e permanência na política, além de prejudicar a imagem das feministas perante a sociedade.

Indivíduos de grupos masculinistas e PI se percebem como superiores, manipulam informações e seguidores, buscam subjugar mulheres³ e ainda procuram bodes expiatórios para responsabilizá-los por seus problemas que, muitas vezes, são de natureza pessoal, e não coletiva.

Atores políticos mal-intencionados utilizam misoginia e discurso de ódio online para fomentar divisões sociais, enfraquecer a democracia e interferir em eleições ao redor do mundo (Di Meco, 2023). Conforme Kenway (2022), muitos conteúdos disseminados na internet compartilham características comuns de violência e agressão, incluindo antifeminismo extremo, celebração da misoginia, hipermasculinidade

² Ressalta-se que um grupo minoritário é definido não pelo número de membros, mas por sua posição de subalternidade nas relações de poder. Ver: RAMACCIOTTI, Barbara Lucchesi; CALGARO, Gerson Amauri. Construção do conceito de minorias e o debate teórico no campo do Direito. **Sequência Estudos Jurídicos e Políticos**, Florianópolis, v. 42, n. 89, p. 1–30, 2022. DOI: 10.5007/2177-7055.2021.e72871. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/sequencia/article/view/72871>. Acesso em: 20 maio. 2025.

³ recomenda-se a leitura de: DONOVAN, B. Trafficking narratives and the prosecution of NXIVM. SSHA 2022 Extended Abstract. [S.l.]: **Social Science History Association**, 2022. Disponível em: <https://ssha2022.ssha.org/uploads/220436>. Acesso em: 21 maio 2025.



agressiva e rebelde, além de alianças com movimentos como neonazismo e fascismo, enquanto promovem uma autoimagem heroica. Segundo a autora, esses discursos também se estendem ao ambiente universitário.

Por exemplo, no contexto acadêmico, Santini *et al.* (2024) destacam que “a desqualificação pública do feminismo serve para desvalorizar a agenda de igualdade de gênero, além de controlar as mulheres que desafiam as normas e o poder masculino, por isso são misóginos”. As mulheres que se posicionam como feministas tornam-se o principal alvo dos grupos de superioridade masculina, sendo responsabilizadas por uma suposta inversão da ordem tradicional de gênero. Essa narrativa é especialmente disseminada nas universidades (Kenway, 2022), refletindo um saudosismo pelos papéis “tradicionais” de gênero, incluindo a valorização da mulher submissa e do homem provedor.

Esses indivíduos preservam privilégios, atacam os direitos das mulheres e o feminismo, e lucram com a disseminação de discurso de ódio e misoginia nas redes sociais. Santini *et al.* (2024) mostram que o *YouTube* é uma plataforma central para esses grupos, que utilizam anúncios, *e-books*, mentorias e doações para monetizar seus conteúdos. A pesquisa revela o universo da machosfera, sua atuação no *YouTube*, os conteúdos principais divulgados e como o fenômeno se transformou em um negócio lucrativo.

A seguir, serão apresentadas reflexões sobre o papel da Ciência da Informação e da Biblioteconomia diante desse cenário, com vistas a contribuir para o enfrentamento dessa problemática.

5 O BIBLIOTECÁRIO E A DISSEMINAÇÃO DA INFORMAÇÃO: COMO FUNCIONALIDADE SOCIAL

No contexto da desinformação de gênero, a Biblioteconomia e os estudos de disseminação da informação podem atuar como um dos meios para a criação de contradiscursos aos grupos masculinistas, sem, contudo, se apresentar como a principal estratégia, fornecendo à sociedade informações que auxiliem na interpretação crítica de conteúdos virais e distantes da realidade social.



Dessa forma, a disseminação da informação assume um papel central na atuação do bibliotecário-mediador no contexto atual:

[...] a profissão do bibliotecário deverá estar preocupada, em primeiro lugar, com a mediação da informação, pois uma vez que a mediação se transforma em seu escopo de trabalho, o bibliotecário acaba por transformar o ambiente ao qual se encontra inserido. (Salcedo; Silva, 2017, p. 29).

Neste cenário, a Ciência da Informação e a Biblioteconomia atuam como instrumentos de análise para compreender contextos de misoginia em discursos e materiais informacionais, físicos e digitais. As bibliotecas e seus profissionais utilizam sua função analítica para problematizar informações do campo do antifeminismo, combatendo a desinformação e enfrentando os desafios da mediação da informação na sociedade e em diferentes áreas do conhecimento.

Bibliotecários e profissionais da informação têm o dever social de mediar informações confiáveis e éticas. A alfabetização midiática e digital também pode ser entendida como outra ação capaz de contribuir para o enfrentamento desse problema complexo (Guazina, 2023). Silva, Garcez e Silva (2022) questionam as bases epistêmicas do ensino de Biblioteconomia no Brasil, observando que os cânones estudados na área são, em sua maioria, de autores homens, brancos e pertencentes ao Norte Global. Uma possibilidade de atuação para a promoção da igualdade de gênero, aliada a uma perspectiva de acesso aberto seria a criação de repositórios feministas geridos por Bibliotecas Universitárias. Desta maneira além de disponibilizar conteúdos relacionados às pautas do movimento feminista e destacar a pesquisa de docentes, estudantes e técnicas, esta iniciativa também contribuiria para o movimento de acesso aberto.

Dessa forma, é necessário incentivar a produção de conteúdos que promovam a justiça epistêmica, valorizando saberes tradicionais do movimento negro e contribuindo para a igualdade de gênero e raça.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A desinformação é um fenômeno que atinge diversos segmentos da esfera pública, mas apresenta alvos específicos que se destacam em seu ecossistema. Reconhecer e visibilizar esses grupos é essencial para facilitar a identificação dos agentes que a produzem.



Para Silva (2022) o campo do comportamento informacional do usuário e a competência crítica em informação ainda carece de uma base conceitual robusta, essencial para entender os desafios sociais relacionados à informação.

A CI e a biblioteconomia, que tem a informação enquanto objeto de estudo, possuem uma responsabilidade social em lidar com esta problemática, uma vez que a desinformação, emula a função de informar, mesmo que de forma antiética e enganosa (Nogueira; Domingues, 2025) e com base no parasitismo da informação. Esta pesquisa procurou, na medida de suas limitações, apontar alguns tensionamentos em relação ao antifeminismo propagado por grupos masculinistas e desinformação de gênero, reforçados pelos parasitas da informação que detém conhecimentos científicos e, também, explanar sobre possibilidades de resistência por parte da área de CI e biblioteconomia.

Com bases nas autoras e autores presentes neste artigo, cabe destacar que desinformação direcionada às pautas de gênero e raça estão seguindo um modelo, com destaque em Kenway (2022), dado que a autora aponta elos entre desinformação gênero ocorrendo na Austrália sendo replicados nos EUA dentro de ambientes acadêmicos, no Brasil o panorama não é diferente, o parasitismo é reproduzido em semelhança. Por fim, sugere-se que a questão do parasitismo da informação mascarada de ciência seja ampliada e melhor discutida em trabalhos futuros.

REFERÊNCIAS

BRISOLA, A. C. C. A. S. **Competência crítica em informação como resistência à sociedade da desinformação sob um olhar freiriano: diagnósticos, epistemologia e caminhos ante as distopias informacionais contemporâneas**. 2021. 295 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/handle/123456789/1165>. Acesso em: 19 jun. 2025.

CUGLER, E. Como comunidades redpill e anti-woke capturam jovens para redes de ódio. **Jornal da USP**, maio 2025. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/como-comunidades-redpill-e-anti-woke-capturam-jovens-para-redes-de-odio/>. Acesso em: 21 maio 2025.

CUSACK, C. M. NXIVM, religion, and “cults”: Keith Raniere as charismatic leader and transgressive criminal. **World Journal of Culture and Society**, Sydney: University of Sydney, v. 2, n. 1, p. 42-58, 2022. Disponível em:



[https://www.academia.edu/92269567/NXIVM Religion and Cults Keith Raniere as Charismatic Leader and Transgressive Criminal](https://www.academia.edu/92269567/NXIVM_Religion_and_Cults_Keith_Raniere_as_Charismatic_Leader_and_Transgressive_Criminal). Acesso em: 21 maio 2025.

DI MECO, L. **Monetizing misogyny**: gendered disinformation and the undermining of women's rights and democracy globally. *She Persisted*, [S. l.], fev. 2023.

DONOVAN, B. Trafficking narratives and the prosecution of NXIVM. **Social Science History Association**, [S. l.], 2022. Disponível em: <https://ssha2022.ssha.org/uploads/220436>. Acesso em: 21 maio 2025.

DURÃES, U. Investigação acha 858 milionários no programa Universidade Gratuita em SC. **UOL**, São Paulo, jun. 2025. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2025/06/25/universidade-gratuita-indicios-de-fraude-sc.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 27 jun. 2025.

GUAZINA, L. S. Alfabetização midiática e informacional no combate à desinformação e à violência nas escolas: uma proposta de agenda. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 20–32, 2023. Disponível em: <https://revistas.usp.br/comueduc/article/view/214328>. Acesso em: 30 jun. 2025.

GROSFOGUEL, R. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 25–49, jan./abr. 2016.

JUDSON, E.; ATAY, A.; KRASODOMSKI-JONES, A.; LASKO-SKINNER, R.; SMITH, J. **Engendering hate**: the contours of state-aligned gendered disinformation online. Londres: Demos; National Democratic Institute, 2020. Disponível em: <https://demos.co.uk/wp-content/uploads/2020/10/Engendering-Hate-Report-FINAL.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2025.

KENWAY, J. Truth parasites, right-wing fury and the predicaments of feminist expertise. In: BURKE, P. J. et al. **Gender in an era of post-truth populism**: pedagogies, challenges and strategies. Great Britain. Bloomsbury Publishing, 2022.

MARQUES, J. F.; ALVES, E. C. Entre regimes de informação e desinformação: modos de produção informacional na contemporaneidade. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 29, e-51478, 2024. DOI: 10.1590/1981-5344/51478. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/DTNCGf6sWJtTQdXc4sbgxmM/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 05 fev. 2025.

NOGUEIRA, C. A.; DOMINGUES, R. P. Desinformação, feminismo e parasitas da informação: o papel da ciência da informação na promoção da integridade informacional de gênero. In: SILVEIRA, J. L. (org.). **Biblioteconomia e informação**: contemporaneidades. Formiga: Editora Uniesmero, 2025. p. 35-53. ISBN 978-65-5492-110-7. Disponível em:



<https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/921258/2/Biblioteconomia%20e%20Informa%C3%A7%C3%A3o%20Contemporaneidades.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2025.

PAULA, L. T.; SILVA, T. R. S.; BLANCO, Y. A. Pós-verdade e fontes de informação: um estudo sobre fake news. **Revista Conhecimento em Ação**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 93–110, 2018. DOI: 10.47681/rca.v3i1.16764. Disponível em: <https://revistas.ufri.br/index.php/rca/article/view/16764>. Acesso em: 21 maio 2025.

SALCEDO, D. A.; SILVA, J. R. P. e. A disseminação da informação: o papel do bibliotecário-mediador. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 23–30, 2017. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1274>. Acesso em: 09 jun. 2025.

SANTINI, R. M. *et al.* “**Aprenda a evitar ‘esse tipo’ de mulher**”: estratégias discursivas e monetização da misoginia no YouTube. Rio de Janeiro: NetLab – Laboratório de Estudos de Internet e Redes Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Publicado em dezembro de 2024.

SILVA, F. C. G.; GARCEZ, D. C.; SILVA, R. A. Conhecimento das margens: da injustiça epistêmica à valorização do conhecimento negro em Biblioteconomia e Ciência da Informação. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 27, n. 1, p. 1–19, 2022. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1885>. Acesso em: 05 fev. 2025.

SILVA, M. M. **A desinformação científica no meio digital**: dos mecanismos de funcionamento às estratégias de enfrentamento. 2022. 299 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/server/api/core/bitstreams/2d0b4cbe-d2b2-432c-a5ae-46c42dad4a0e/content>. Acesso em: 20 ago. 2024.

SINATRA, G. M.; JACOBSON, N. G. Zombie concepts in education: why they won’t die and why you can’t kill them - Gale M. Sinatra and Neil Jacobson. *In*: Panayiota Kendeou, Daniel H. Robinson, and Matthew T. McCrudden. **Misinformation and Disinformation in Education** - Copyright © 2019 Information Age Publishing Inc. Charlotte, NC.